



A VERTENTE FEMININA NO ROMANCE MARANHENSE DO SÉCULO XX: uma leitura de *A parede*, de Arlete Nogueira

Luana Kerly Alves Coelho¹

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Dinacy Mendonça Corrêa

RESUMO

O presente artigo é fruto do projeto de pesquisa, “A vertente feminina no romance maranhense do século XX”, numa perspectiva crítico/analítica contextualizada, tem por objetivo centrar-se no Romance Maranhense de expressão feminina, enfocando autoras/obras do século XX, no intuito de viabilizar o estudo das narrativas de nossas autoras, tendo como base e como norte literário o protagonismo de mulheres no/do Maranhão. Esta pesquisa, então, procura dar ênfase à literatura produzida exclusivamente por mulheres que, com o mecanismo da escrita, retrataram a nossa realidade urbana do século XX, numa pluralidade de protagonismos e com denúncias sociais que refletiram/refletem, diretamente, na maneira como a figura feminina é desenhada/projetada na sociedade, assim como, por outra concepção deveria desenharse/projetar-se. Tendo em vista o propósito da Literatura (de não apenas registrar mas, sobretudo transmitir a realidade de uma determinada época), este estudo busca ressaltar a voz feminina, em seu significativo valor artístico e seu especial contributo na formação da Cultura Literária Maranhense. Desta forma, faz-se necessário retrair um estudo sobre a Literatura Maranhense e, especificamente, sobre o Romance Maranhense, com ênfase na escrita feminina (assim como a “vertente feminina”) por uma perspectiva de quem escreve e do que é escrito. Para tanto serão destacados: os teóricos específicos do romance; a escrita feminina e o romance maranhense, com o propósito de investigar a diegese narrativa de suas respectivas autoras, num paralelismo às condições sociais e ao amadurecimento/transformação do fazer literário.

Palavras-chave: Literatura Maranhense. Escritoras Maranhenses. Romance. Vertentes Femininas.

¹ Graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Bolsista de iniciação científica do PIBIC/UEMA, Pesquisadora do Grupo de Estudos em Literatura, Linguagem e Psicanálise (UEMA) e do Grupo de estudos Junguiano: Literatura e Crítica (UFMA), luanakerly2012@gmail.com



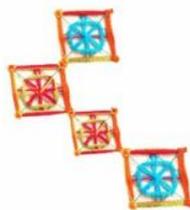
1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto do projeto de pesquisa “A vertente feminina no romance maranhense do século XX”, tem como principal objetivo promover uma linha de análise sobre os romances maranhenses de autoria feminina, nestes enfocando: os aspectos estilísticos, literários e sociais. Tendo como ponto de partida a validade da Literatura e o que ela representa, o presente trabalho propõe-se a investigar o que é escrito, partindo do estudo histórico e cronológico de quem escreve, assim como os impactos que a sociedade tem na escrita e vice-versa.

Para que o estudo do romance maranhense seja possível, é importante destacar as raízes do romance no geral e suas características próprias que definem a estética romanesca. A propósito, estudar Literatura é retirar da escrita a história e a cultura de um povo, assim como suas manifestações na sociedade, postura, os impasses e avanços sociais junto à construção identitária dos indivíduos.

Assim, estudar Literatura Maranhense é entender as nuances do povo que aqui residiu/reside, é entender as construções sociais frente às transformações políticas e ideológicas. Desta forma, como afirma Corrêa (p.20), “estudar a Literatura Maranhense é caminhar pelas veredas da própria Literatura nacional, posto que, no âmbito das Letras brasileiras, o legado de cada região é imprescindível na composição desse todo”. Logo, o Maranhão contribuiu/contribui significativamente com vários nomes que se debruçaram a escrever e a marcar uma Literatura própria – vale ressaltar que os nomes mais aclamados a respeito da Literatura maranhense, são de escritores, homens – o que torna ainda mais pertinente a linha de investigação desta pesquisa que busca, no cenário maranhense, destacar a escrita de autoras que falam, em suas narrativas, sobre mulheres que, no contexto histórico/social que conviviam, marcaram a nossa Literatura Maranhense, em nível local e nacional.

A importância desta pesquisa no corrente tema, a insuficiência (ainda) de iniciativas do gênero, em nossa comunidade universitária, em nossa sociedade maranhense, são a razão de ser do que aqui é pesquisado, visando ao conhecimento de nossa Literatura, em suas autoras/obras, partindo-se de um roteiro historiográfico da Literatura maranhense, ao estudo crítico analítico de suas autoras e obras.



Para tanto, serão contempladas, nesta pesquisa, as representantes da nossa ficção romanesca, até então dotadas de idoneidade cultural, ou seja, autoras de reconhecida atividade literária, com romances publicados há mais de vinte anos, dentre as escritoras, com destaque: Arlete Nogueira da Cruz – numa perspectiva que caracterize **a vertente feminina no romance maranhense do século XX**.

Dando sequência a este tema aqui investigado, faz-se necessário o estudo e reflexão sobre o romance, em sua estrutura e características próprias, segundo os “ditames da Literatura”, considerando-o como um gênero que se desenvolveu com a evolução da escrita, assumindo desde um caráter de entretenimento, às linhas de denúncia social, o que garante a sua perpetuação na contemporaneidade. Estudo que se faz delimitar a partir de teóricos basilares, como: Lukács (2000), Kundera (2009), Citelli (1990) e demais pesquisadores da área. Prosseguindo-se, assim com o estudo do romance em solos maranhenses, seus principais nomes, consolidando-se, por fim, com a análise de duas obras das autoras acima citadas, com o propósito de destacar a Literatura Maranhense de autoria feminina.

Desta forma, objetiva-se a partir da explanação desse trabalho, dar enfoque a uma literatura Maranhense, escrita por mulheres e com enredos que circundam questões culturais, reconhecendo no contexto das narrativas, a voz feminina, em seus caracteres identificadores do gênero em estudo.

METODOLOGIA

O presente trabalho será realizado mediante pesquisa bibliográfica, além disso, se constituirá numa leitura crítico-analítica, contextualizada de obras das romancistas maranhenses elencadas, na perspectiva acima delimitada, sob o respaldo teórico de autores (as) como: Moisés, Luckás, Bactim (quanto à teoria do romance); Citelli, Lúcia Osana dentre outras (no que toca à questão de identidade), além de críticos e historiógrafos da Literatura Maranhense. Serão analisadas as obras *A parede* (1961) de Arlete Nogueira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Literatura no século XX – o romance



A Literatura como arte, que serve-se da palavra para seu objetivo final, consegue, através das letras, transmitir os resquícios de um povo, de uma cultura e, no geral, de uma sociedade. Assim, falar da Literatura do século XX é, precisamente, retratar a realidade dessa época, assim como a maneira como os escritores dispuseram-se a transformar em texto a realidade vivida.

Dentre as diversas possibilidades de estética que a Literatura pode adotar, têm-se o gênero romance que vem delinear a realidade aliada à ficção como estilo de escrita, com características próprias e também com o ensejo de propagar enredos variados de homens e mulheres que, situados (as) em uma realidade social, deram forma a esse modo de fazer Literatura.

Assim, partindo das narrativas medievais, o romance, em sua manifestação embrionária, correspondeu às narrativas cavaleirescas, impregnadas, estas, dos elementos mágicos e maravilhosos, partindo do narrar das aventuras de suas personagens, envoltas, muitas vezes, em um amor impossível. No medievo, foi manifestação transmitida pela tradição oral, vindo a concretizar-se já nos momentos iniciais do Romantismo e amplamente explorado durante o Realismo.

A propósito, Milan Kundera (2009) vem a falar (em seu livro **A Arte do Romance**), que “o caminho do romance se esboça como uma história paralela dos tempos modernos. Se me volta para abrangê-lo com o olhar, ele me parece estranhamente breve e finito” (KUNDERA, 2009, p. 16). Ou seja, o romance é agora a clara representação do que é atual, do que necessita de um registro como forma de tornar também finito o que se passa.

Por outro lado, o Romantismo não se reserva apenas à representação concreta da realidade social, mas também, paralelo a isso, direciona-se a tratar dos anseios do homem para uma realidade futura, àquilo que este deseja, frente às suas inquietações com a realidade exposta. Em justificativa a essa afirmação, Citelli (1990) vem a falar que:

O romantismo nasceu marcado por um movimento contraditório onde afirmação e negação possibilitam a ampliação do conflito entre o eu e o mundo, o indivíduo e o Estado, proporcionando a eclosão de um individualismo em grau e profundidade como talvez nunca antes se tenha assistido no ocidente. O sujeito problemático, em desarmonia com seu tempo e com a História – que por sinal, havia ajudado a criar. (CITELLI, 1990, p.11)



No estudo da Teoria do Romance, para Luckás esse gênero é a “epopeia de uma era para a qual a totalidade extensiva da vida não é mais dada de modo evidente, para a qual a imanência do sentido à vida tornou-se problemática, mas que ainda assim tem a intenção da totalidade” (LUKÁCS, 2000, p. 218).

Afirmar essa que se propõe, também, a evidenciar o recorte mágico que o romance vem estabelecer, uma vez que, na escrita, é válida a manifestação da individualidade de quem escreve, podendo assim “magiar” a sua escrita.

Wantt (2010), por sua vez, vem a destacar que o romance é um gênero dotado de um realismo único, tendo por característica fundamental retratar todo tipo de experiência humana, veiculando a verdade, de forma inovadora e individualista, contrapondo-se às formas literárias anteriores, que contemplavam a tendência geral de suas respectivas culturas.

Logo, a romance parte, sobretudo, do individual para a esfera coletiva, num “formato de representação” que vem abrigar a literariedade de quem escreve.

O espaço da mulher no romance

Nunca ocorreria a um homem escrever um livro sobre a situação singular dos homens na humanidade. Se eu quiser me definir, primeiro devo dizer: ‘Sou Mulher’. Todas as outras afirmações surgirão a partir dessa verdade básica.

(Simone de Beauvoir, em O segundo sexo)

A presença da mulher na Literatura, enquanto escritora e com seu espaço determinado, através do seu próprio punho, foi registrada tardiamente, em relação ao homem, escritor e por muito tempo, privilegiado no campo da escrita. Privilégio esse concedido pela simples condição do “ser homem” o que, por outro lado, para a mulher (também pelo fato de “ser mulher”) foi renegado, de forma a deixar a figura feminina à margem do protagonismo de quem escreve.

Todas essas afirmativas dão-se frente a uma sociedade que evoluiu/evolui a passos lentos, evidenciando barreiras infundadas e injustificáveis na condição humana.



A cronologia literária feminina registra seu surgimento na fase inicial do século XIX, tomando corpo em meados do século XX, por volta do final da década de 60 para o início dos anos 70. Quando, nesse momento, iniciou-se o movimento feminista que, com o propósito de derrubar as barreiras que impediam (e por vezes ainda impedem) o livre direito de manifestação da mulher, também se fez real no campo da escrita, da própria Literatura. A respeito do movimento feminista, Priore (2017, p. 14), afirma que “a característica de todo movimento social é informar a sociedade e os poderes políticos sobre questões ignoradas ou subestimadas. O feminismo tem, entre outras, essa função” – evidenciar que o espaço da mulher na Literatura, se dá também através da escrita; da maneira como esta escolhe e se sensibiliza, a retratar os percalços sociais.

Contudo, observa-se que a mulher, na condição de autora, vai galgando uma posição, uma maneira específica de expressão literária, distinta da masculina, não sendo possível equiparar essas respectivas produções. Uma vez que, não há espaço para comparar uma escrita a outra; basta aqui a atividade máxima de escrever; contudo, com o propósito de destacar a escrita de um grupo que, aos poucos, tem conquistado seu espaço.

Pode observar-se ainda que, em sua caminhada evolutiva, o estudo do romance foi implicando a busca da identidade e da categoria de gênero como objeto de análise literária, contribuindo para que a produção feminina passasse a ser vista como um compêndio de ideologias, a partir do qual a mulher construirá sua subjetividade.

Partindo dessas constatações, viabiliza-se, com mais afinco, a temática da “crítica feminista”, que vem retirar a mulher apenas do espaço de personagem nas escritas de autoria masculina – constantemente banhada por um sentimentalismo – chegando ao objetivo de evidenciá-la como escritora, protagonista da/na sua própria escrita e criadora do seu próprio enredo, o que nos propicia o estudo dessa escrita feminina, situada na Literatura Maranhense.

Para Zolin (2003, p. 11), “a crítica feminista expandiu-se, seguindo outros direcionamentos: ao invés de se ocupar dos textos masculinos, passou a investigar a literatura feita por mulheres, enfatizando quatro enfoques principais: o biológico, o linguístico, o psicanalítico e o político-cultural”, ou seja: a crítica feminista não se isola às discussões de gênero, mas amplia-se, sobretudo, aos aspectos culturais que, no corrente trabalho, possuem grande validade.



Nascimento do romance no Maranhão

Os registros literários no Maranhão, surgem a partir do século XIX, quando o Estado despertava para a busca de sua identidade literária, com a formação do Grupo Maranhense (1832-1868). É então que os escritores passam a ter certa autonomia para registrar temáticas do seu próprio Estado. O grupo em questão, foi liderado por importantes nomes, valendo destacar: Odorico Mendes, Gonçalves Dias, Sotero dos Reis e João Lisboa – figuras que marcaram a nossa História, formando uma vasta Literatura.

Posteriormente, a união de vários escritores, como: Viriato Corrêa, Odylo Costa Filho, Humberto de Campos, entre outros, promoveram o surgimento da Academia Brasileira de Letras, seguindo-se, mais tarde a fundação da Academia Maranhense de Letras, constituída, exclusivamente, por homens. Contudo, pouco ainda é divulgado sobre a Literatura Maranhense; a carência dessa temática nas universidades e também nas escolas (do Maranhão), trazem um certo “apagamento” do que, através das palavras, difunde o Estado. Notável, também, é a ausência de registros sobre nossa Literatura, o que, aos poucos, busca-se resolver com estudo/ pesquisa sobre os nossos escritores e a disseminação e constituição simbólica do conteúdo de suas obras.

O romance de expressão feminina na Literatura Maranhense

Como já mencionado anteriormente, a presença da mulher na Literatura, não só como personagem, mas agora como escritora, deu-se tardiamente, devido a inúmeras questões sociais, destacando-se a ideia de que a mulher devia exclusivamente dedicar-se às atividades domésticas, à reprodução e criação dos seus filhos, enquanto ao homem sempre fora concedido o papel de “sustentar” a família e de ocupar cargos de prestígio na sociedade.

Rompendo com essas imposições, que em nada contribuem para o desenvolvimento de uma sociedade, pode-se aqui destacar autoras maranhenses que escreveram suas histórias e as de outras mulheres num enredo fictício ou não. Assim, pioneira no destaque da Literatura Maranhense, considerada a primeira romancista, com sua escrita abolicionista, têm-se aqui, **Maria Firmina dos Reis**, mulher negra que,



contrariando a natureza do seu tempo, escreveu sobre suas vivências o romance **Úrsula** (1859), tornando-se matriarca do romance maranhense e brasileiro, tornando-se referência para as futuras escritoras.

Posteriormente, outros nomes foram aparecendo no romance do Maranhão. Mulheres como: Arlete Nogueira (1936), Lucy Teixeira (1922), Conceição Aboud, Angelita Paiva, Rita Ribeiro, entre outras. Todas escrevendo romances que retratam, com maestria, diversos dramas. Dar-se aqui destaque para um romance de uma autora maranhense, sendo este: *A parede* de Arlete Nogueira.

Todos esses nomes – pouco propagados nas mídias – são o desenho de mulheres que tomaram a escrita como um direito, a ser repercutido na sociedade, e que contribuíram para a consolidação da nossa Literatura própria. Contudo, para chegar à clareza da escrita, a voz feminina “emerge a sôfregos”, conquistando pequenos espaços, em relação aos romances escritos por homens.

Trazendo novas escritas de mulheres que seguiram o legado de Maria Firmina, neste trabalho destaca-se a obra *A parede* de Arlete Nogueira, primeiro livro da autora (escrito em 1961) e que, desde o início traz uma leitura leve e envolvente, fazendo com que Arlete se tornasse um nome importante na construção da nossa Literatura. O livro recebeu críticas de autores maranhenses, como Nauro Machado e Josué Montelo. A propósito, Nauro Machado, evidenciando a pluralidade desta narrativa, e a riqueza de suas múltiplas interpretações, vem a falar que:

A parede sugere outras perspectivas, tornando múltipla sua leitura. Interessante, por exemplo, a interpretação que tome a luta de classes como tema, numa trama que enreda a fraternidade. Afinal, uma narrativa que acaba se expandindo em torno de um problema fundamental: os obstáculos como ameaça ao sentido das iniciativas” (In: CRUZ, 1994, aba esquerda da obra).

No desenrolar da narrativa, *a parede* (1961) se vai revelando como um romance ambientado em São Luís. A autora preocupa-se em detalhar o nome das ruas e suas características, como no fragmento:

[...] Morávamos em São Luís, numa porta-e-janela da Rua da Alegria, no centro da pequena cidade, entre os bairros dos Remédios e Camboa [...] (p.9)

[...] Fui até o final da linha e desci a praça Gonçalves Dias. Quando dei por mim, estava na igreja dos Remédios, sentada naqueles bancos compridos, tão acostumada a eles de quando morava ali perto e ia com minha mãe [...] (In: CRUZ, 1994 p.85)



O romance desenvolve-se em torno de Cíntzia, uma adolescente, que mora com os pais e que pertence à classe média-alta, sem muito luxo, mas com muita pretensão. Cíntzia, desde o início, revela-se alguém insatisfeita com sua classe social, ao mesmo tempo em que observa e retrata, com tom de inveja e certa tristeza, a condição social das suas amigas que, a propósito, eram jovens de classe alta que moravam em “boas” casas e em bairros mais desenvolvidos de São Luís.

Arlete Nogueira, expressa, nas páginas do livro, a rotina de Cíntzia, aliada a questões sociais e culturais de São Luís. As inquietações da personagem misturam-se com os aspectos arquitetônicos da Cidade, com as lutas de classe, as festividades, os prestígios e desprestígios da população. Cíntzia relata, durante a narrativa, a mudança do campo econômico da sua família, paralela às mudanças políticas no Estado. Todas essas questões são validadas, uma vez que se pode perceber a relação da escritora com a maneira como esta retrata a sociedade, a paisagem e a política.

Há ainda outras questões pertinentes na obra, como a inquietude de Cíntzia com sua própria identidade, questões de autoconhecimento e autoaceitação, que tornam-se evidentes quando, no colégio Santa Teresa (onde Cíntzia estudava) propagaram-se rumores de que ela não era filha dos seus pais, mas sim uma filha adotado – temática que vai tomando proporções maiores, posteriormente, com o aparecimento de Luísa, estudante da mesma escola em que Cíntzia estudava. Jovem que lhe despertava uma curiosidade gigantesca, por se comportar de maneira peculiar, ignorando os grupos privilegiados e mantendo-se firme, com personalidade própria e com opiniões singulares.

Como o romance é dotado de simbologias, há no encontro de Cíntzia e Luísa a possível interpretação da realidade de ambas, junto às suas personalidades o que remete Cíntzia a significação de cinzas e Luísa a luz, signos retratados na obra e que, segundo Corrêa (2015):

No dialogismo, multiperspectivismo, de um eu narrativo que se desdobra em um eu do passado e em um outro eu do presente, a avaliar esse eu do passado, em uma polifonia de vozes. Não percamos de vista a simbologia que encerram estes dois nomes antitéticos, no “oximoro cinza-luz”: Cíntzia a conotar homônima/homofonamente, com cinza (a sugerir o sem brilho, a opacidade do sem cor) e que, no singular define-se como resíduo sólido, resultante da combustão completa de uma substância e, no plural, como restos mortais. Cíntzia, que parece formar-se da adição/subtração de Luísa está a conotar com a luz, significante que se incorpora à temática transcendental do olhar. (CORRÊA, 2015, p..115)



Pode-se inferir, a significação desses nomes, na obra, tem grande relevância, considerando-se que a relação Cíntzia e Luísa, juntamente com a busca pela verdadeira identidade, são marcas importantes na narrativa.

Em consequente, há outros signos importantes no romance, como a retomada para o próprio título “a parede”, que só é apresentado na metade da história. A parede seria a receptora do imaginário tortuoso de Cíntzia. O movimento das mãos, a sombra, o impalpável é também reflexo das disparidades pessoais da personagem, o que, prosseguindo com a questão identitária, aqui revela-se a emergência interior de Cíntzia, de pertencimento, desde o princípio da narrativa – quando esta não tem certeza a respeito de algo – inventa-se uma possibilidade, como explica Bauman (2005):

[...] a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto, como alvo de um esforço, um “objetivo” como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a situação precária e eternamente inconclusa deva ser, e tendo a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (BAUMAN, 2005, p.21-22)

Assim, a respeito dessa necessidade de criar uma possível realidade sobre a própria identidade, têm-se a fala de Cíntzia, já no fim da trama, quando esta coberta pela dúvida de ser ou não ser irmã de Luísa, diz:

[...]. Inventário afinal meu infortúnio: ele é enorme nessa história se concluo que, entre perdas e ganhos, eu perdi a minha alegria, o que equivale a dizer: a minha inocência. Para tanto não há consolo. [...].
[...] Quanto a Luísa: permanece a dúvida de saber se ela é ou não minha irmã. Se for, bem. Se não for, por que não considerá-la como tal? É o que me pergunto, incansavelmente. Aí estaria tudo resolvido e a história, inclusive, acabaria bem. Acontece que, esquecendo a possibilidade dela de invenção minha, sinto-me afinal como criatura sua no rol desta minha surpreendente natalidade. (In: CRUZ, 1994 p.98)

Essa construção simbólica permite que o romance, embora curto, em seus 10 capítulos, suscite, como inferiu Nauro Machado, um leque infindável de interpretações, o que torna a obra ainda mais rica; o que também, felizmente, uma vez que partindo de uma mulher, faz com que a escrita feminina tenha um espaço marcado na Literatura.



Ademais, esse e outros romances de escritoras maranhenses seguem com narrativas que revelam um conjunto de simbologias, com enfoque em temas pertinentes à sociedade e ao ser, individualmente. Trata-se aqui das questões coletivas que invadem e dão forma à singularidade dos personagens, em acordo com quem escreve.

A reunião dessas escritas evidencia o protagonismo feminino na formação da Literatura. Ainda que, no momento de registro dos principais representantes da mesma, haja uma supervalorização, sobretudo dos livros escritos por homens que, naturalmente também compõem o acervo literário de nosso Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento desta pesquisa, buscou-se, através do estudo teórico e bibliográfico, traçar uma análise histórico-social sobre as temáticas aqui propostas, partindo do entendimento do que se constitui a Literatura, bem como da investigação sobre o romance, em sua origem, histórico, processo evolutivo, até chegarmos, precisamente, ao romance maranhense, com atenção especial na produção de mulheres nessa área.

Foi-nos dado observar a carência de fontes que tratam das nuances da Literatura Maranhense, o que confirma ainda, o baixo interesse de pesquisadores da temática em questão. Por outro lado, os dados que registram a história da criação de uma Literatura genuinamente maranhense, propiciam um maior desdobramento para pesquisas como esta, que busca aliar o fazer literário com o desenvolvimento cultural do local em referência.

No mais, a partir da leitura e análise do romance destacado, foi possível evidenciar a escrita de uma mulher que, no espectro geral, é pouco mencionada na mídia, mas, em sentido de contribuição para a formação de uma literatura regional e nacional, faz-se essencial, na condição de escritora.

REFERÊNCIAS

BAUMAN,Z. **Identidade. Entrevista a Benecletto Vecchi.** Rio de Janeiro, 2005

CRUZ, Arlete Nogueira da. **A Parede.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A., 2º.ed.1994.



CITELLI, Adilson. **Romantismo**. 2. ed. São Paulo: Ática 1990.

CORRÊA, Dinacy. **Da Literatura Maranhense: o romance do Século XX**. São Luís-MA., EDUEMA, 2015.

KUNDERA, Milan. **A arte do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LUKACS, George. **A Teoria do Romance**. São Paulo: Duas cidades, 2000.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ZOLIN, Lucia Osana. **Crítica Feminista**, 2003.